

CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL FISIOTERAPEUTA: visão do estagiário

CONTRIBUTION OF SUPERVISED TRAINING OF THE PHYSIOTHERAPIST: a view of the trainee

¹Lourena da Silva Freitas,

¹Danielly de Paula Gomides Rabelo

²Ricardo Loiola Dantas

³Adroaldo José Casa Junior

⁴Patrícia Leite Álvares Silva

Resumo:

Segundo as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PNE), o estágio curricular é um procedimento didático pedagógico que propicia ao estudante a participação em situações reais de vida e trabalho do seu meio social. O objetivo é compreender a contribuição do estágio curricular do curso de Fisioterapia da Universo na formação do aluno, e refletir sobre o percurso formativo em relação a suas concepções de formação em construção na prática supervisionada. Métodos: trata-se de uma pesquisa qualitativa, com amostragem teórica e com objetivo descritivo, realizada com 8 voluntários, estagiários da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Campos Goiânia. Os dados foram coletados por meio de entrevistas (nas quais foram utilizadas questões norteadoras), posteriormente transcritos e analisados. Resultados: todos os entrevistados julgaram a prática curricular supervisionada importante para sua formação. Alguns afirmaram não se sentirem aptos para atuar a partir da prática curricular – apesar de o ambiente de estágio ter sido considerado adequado –, tendo visto sua pequena duração, com carga horária insuficiente, o que está de acordo com a legislação corrente. Com a concepção de que o estágio é fundamental para a formação do profissional fisioterapeuta, a análise da compreensão deste momento para os acadêmicos deixa evidente que é necessário repensar a sua constituição durante o desenvolvimento nos cursos superiores.

PALAVRAS-CHAVE: Formação, Estágio Supervisionado, Fisioterapia.

¹Fisioterapeutas, graduadas pela Universidade Salgado de Oliveira.

²Fisioterapeuta, especialista em fisioterapia aplicada a ortopedia, traumatologia e medicina, docente da Universidade Salgado de Oliveira e da Universidade Estadual de Goiás

³Fisioterapeuta, doutorando e mestre em Ciências da Saúde, Docente da Universidade Salgado de Oliveira e Pontifícia Universidade Católica de Goiás

⁴Fisioterapeuta, doutora em Ciências da Saúde, Docente da Universidade Salgado de Oliveira e Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Abstract:

According to lines of direction of Parâmetros Curriculares Nacionais (PNE), the curricular period of training is a pedagogical didactic procedure that propitiates to the student the participation in real situations of life and social environment work of its. Objective: to understand the contribution of the curricular period of training of the course of Fisioterapia of the Universe in the formation of the pupil, and to reflect on the formative passage in relation its conceptions of formation in supervised construction in the practical one. Methods: one is about a qualitative research, with theoretical sampling and descriptive objective, carried through with 8 volunteers, trainees of the Salty University of Oliveira (UNIVERSE), Goiânia Fields. The data had been collected by means of interviews (in which they had been you use norteadoras questions), later analyzed transcripts and. Results: all the interviewed ones had judged practical the curricular one supervised important for its formation. Some had affirmed if not to feel apt to act from practical curricular – although the period of training environment to have been considered adequate –, having seen its small duration, with insufficient horária load, what it is in accordance with the current legislation. Conclusion: with the conception of that the period of training is basic for the formation of the professional physiotherapist, the analysis of the understanding of this moment for the academics leaves evident that it is necessary to rethink its constitution during the development in the superior courses.

KEYWORDS: Formation, Supervised Period of training, Fisioterapia

Introdução

A Fisioterapia é uma ciência da saúde que estuda, previne e trata os distúrbios cinéticos funcionais intercorrentes em órgãos e sistemas do corpo humano gerados por alterações genéticas, traumas e doenças adquiridas. Cabe ao profissional fisioterapeuta, com formação acadêmica superior, diagnosticar os distúrbios cinéticos funcionais, prescrever as condutas fisioterapêuticas, acompanhar a evolução do quadro clínico funcional do paciente e avaliar as condições de alta do serviço (COFFITO, 1984).

Desta forma, os cursos de graduação em Fisioterapia, ao definirem suas propostas pedagógicas, embasadas nas diretrizes curriculares, devem assegurar uma formação generalista de profissionais fisioterapeutas, aptos a atuarem em todos os níveis de atenção à saúde, desenvolvendo ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual como coletivo. Devem ser

formados com uma visão ampla e global, respeitando os princípios bioéticos, morais e culturais do indivíduo e da coletividade, com objetivo de preservar, desenvolver e restaurar a integridade de órgãos, sistemas e funções (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002).

Por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Fisioterapia, Resolução nº CNE/CES 4, de 19 de fevereiro de 2002, pelo art.13, a estrutura do curso de graduação em Fisioterapia deveria assegurar que:

parágrafo I - as atividades práticas específicas da Fisioterapia deverão ser desenvolvidas gradualmente desde o início do Curso de Graduação em Fisioterapia, devendo possuir complexidade crescente, desde a observação até a prática assistida; parágrafo II - estas atividades práticas, que antecedem ao estágio curricular, deverão ser realizadas nas instituições de ensino superior ou em instituições conveniadas e sob a responsabilidade de docente fisioterapeuta (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002).

O estágio curricular é um procedimento didático pedagógico que propicia ao estudante a participação em situações reais de vida e trabalho do seu meio social (RODRIGUES, 1995). São nestas situações reais, no seu agir, que o ser humano é colocado a enfrentar conflitos que envolvem valores e interesses pessoais. É na prática que o aluno sente-se responsável por suas ações, por seus sentimentos e pelas consequências do que faz e sente. Assim, o Estágio Curricular Supervisionado tem o objetivo básico de desenvolver o sentido de autonomia e de responsabilidade profissional que surge a partir dos estudos, do manejo de métodos e técnicas e da interação com pacientes (RODRIGUES; LEITÃO, 2000),

Para tanto, a universidade deve proporcionar aos alunos, além das aulas teóricas, oportunidades práticas em que ocorram intervenções que promovam a qualidade de vida da comunidade, prevenindo doenças, mantendo níveis adequados de capacidade física e funcional e independência dos indivíduos em seu ambiente. Experiências desse tipo podem ampliar a capacidade de intervenção dos profissionais, principalmente no sentido de buscar a integralidade da atenção (MACIEL *et al.*, 2005).

O principal objetivo do estágio supervisionado é a qualificação prática dos graduandos, dando oportunidade ao aluno de obter experiência real de seu futuro ambiente de trabalho. No estágio ele poderá colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas disciplinas anteriormente cursadas, além de desenvolver sua capacidade de planejamento, tratamento e execução de trabalhos, por meio de uma

visão integralizada, a fim de atender todas as necessidades do paciente (MENDES *et al.*, 2006).

Na universidade, é impossível ensinar todas as possíveis técnicas de todos os possíveis contextos em que o aluno irá se inserir. Neste caso, o aluno terá que possuir as condições mínimas e necessárias para que possa desenvolver habilidades quando da deparação com o novo, sabendo avaliá-lo, julgá-lo, apreendê-lo e modificá-lo de acordo com a realidade na qual está inserido. “Em uma frase, deverá ser autônomo e não autômato. Sob o ponto de vista apenas da prática, o indivíduo fica à mercê da técnica e, portanto, se torna autômato, simples repetidor” (SERAFIM, 2001).

O projeto político pedagógico é, antes de tudo, a expressão de autonomia da instituição, pois é, a partir dele, que esta formula e executa sua proposta de trabalho. É um documento juridicamente reconhecido, que norteia e encaminha as atividades desenvolvidas no espaço escolar e tem como objetivo central identificar e solucionar problemas que interferem no processo ensino/aprendizagem. É, ainda, caminho traçado coletivamente e no qual se deseja enveredar para o alcance de determinados objetivos. Esse projeto está voltado diretamente para o que a instituição de ensino tem de mais importante: “o educando”, e para aquilo que os educandos e toda a comunidade esperam da instituição: uma boa aprendizagem. É um processo inacabado, portanto contínuo, que vai se construindo ao longo do percurso de cada instituição de ensino (VEIGA, 2001).

Diante disso, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de compreender a contribuição do estágio curricular do curso de Fisioterapia da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), Campus Goiânia, na formação do aluno, de acordo com os resultados das entrevistas respondidas pelos voluntários.

1 Caminho metodológico

Este estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, com amostragem teórica e com objetivo descritivo, cuja coleta de dados foi realizada na Universidade Salgado de Oliveira, Campus Goiânia, com oito estagiários. Foi utilizado o critério da “saturação ou recorrência dos dados, ou seja, o momento em que a busca de novos sujeitos não acrescenta mais nenhum dado novo à investigação” (VICTORIA; KNAUTH; HASSEN, 2000). O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa, envolvendo seres humanos do Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo), protocolo nº 047/11.

A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que se estuda. Não se preocupa com generalizações, princípios e leis. A generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão, e não a explicação dos fenômenos estudados (MARTINS; BICUDO, 1994).

A abordagem foi individual, e a coleta consistiu na gravação das entrevistas (feitas por meio de um aparelho MP4), que tiveram a duração máxima de 15 minutos. O local de aplicação das entrevistas foi isolado, e ao voluntário foi informado sobre o total sigilo de suas respostas, não havendo, assim, qualquer importuno à realização da entrevista – o que deixou os entrevistados mais a vontade para responder as questões.

A pesquisa foi realizada a partir de entrevista direta e gravada, pois, de acordo com Triviños (1995), a entrevista gravada é importante por duas razões fundamentais: porque permite contar com todo material fornecido pelo informante, e também porque o mesmo pode ajudar a aperfeiçoar e completar as ideias por ele apresentadas. A entrevista foi feita a partir de um roteiro semiestruturado. De acordo com Triviños (1995, p. 17):

[...] a entrevista semi-estruturada, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A entrevista possui algumas vantagens, como: flexibilidade quanto ao tempo de duração, adaptação a novas situações e a diversos tipos de entrevistados, possibilidade de o sujeito se exprimir oralmente, oportunidade para questionar, oportunidade de aprofundar, ainda, permite recolher um elevado número de dados diversificados (TUCKMAN, 2002).

As entrevistas foram guiadas por questões baseadas na teoria evolutiva e são específicas de uma determinada pesquisa qualitativa. Sendo assim, torna-se difícil dar exemplos. As questões começaram abertas e tornaram-se mais

específicas e refinadas à medida que a pesquisa foi se desenvolvendo. (CORBIN; STRAUSS, 2008).

Foram incluídos no estudo alunos matriculados no estágio III e que passaram pelos estágios anteriores, I e II, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), possuíam idade igual ou superior a 18 anos no momento da pesquisa, e, ainda, que concordaram com todos os procedimentos do estudo. Os critérios de exclusão abrangeram acadêmicos que não que tinham passado pelos estágios supervisionados anteriores, que não estavam dentro da faixa etária estabelecida, e, ainda, os que não se dispuseram a colaborar voluntariamente com o estudo, não assinando o TCLE.

Após o aceite e enquadramento nos critérios de inclusão, foi feito o convite aos voluntários por meio de visitas à própria instituição, com permissão da coordenação. Foi empregado o TCLE para informar ao sujeito as condições de sua participação no estudo. A partir do esclarecimento sobre os procedimentos da pesquisa e a resposta afirmativa do voluntário sobre sua participação, foi dado início a coleta. Os preceitos ético-legais foram considerados, conforme rege a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das recomendações éticas quando da realização de pesquisas que envolvam seres humanos.

As entrevistas foram transcritas e analisadas, o que permitiu a identificação de temas comuns. Em uma fase posterior de análise, os temas comuns foram aglutinados em categorias mais abrangentes. Para a análise dos dados da entrevista, foram identificados os acadêmicos com o nome de “pedras preciosas”, como: ágata; âmbar; diamante; esmeralda; quartzo rosa; rubi; safira e opala, a fim de manter em anonimato os participantes da pesquisa. O processo de categorização implicou a necessidade de elaboração de indicadores que permitiram o agrupamento de variações de respostas por afinidade temática e a organização dos resultados.

Como resultado final da análise, obteve-se as seguintes categorias: *considerações sobre o estágio curricular pelos alunos em formação, elaboração e execução do estágio, maturidade para exercer a profissão e sugestões.*

2 Resultados e discussão

2.1 Considerações sobre o estágio curricular pelos alunos em formação

Dentre as questões abordadas na entrevista, a primeira foi sobre qual era a visão que os estagiários tinham sobre o estágio curricular obrigatório. Todos os entrevistados firmaram que o estágio curricular supervisionado é necessário para sua formação profissional.

[...] *“É de fundamental importância para o aprendizado [...]”*. (Ágata)

[...] *“As mesmas deveriam ser no final do curso, sem disciplinas associadas. Assim o aluno ‘dedicaria’ mais [...]”*. (Rubi)

[...] *“O estágio curricular é importante para a atuação profissional, porque permite um contato direto com os nossos pacientes, proporcionando vivência [...]”*. (Âmbar).

[...] *“O estágio curricular fornece uma visão de todas as áreas para o aluno [...]”*. (Diamante)

[...] *“O estágio curricular prepara o aluno para enfrentar o mercado de trabalho [...]”*. (Safira)

[...] *“O estágio curricular nos proporciona vivenciar, no dia-a-dia, a especificidade de cada área [...]”*. (Quartzo rosa)

[...] *“O estágio promove o amadurecimento profissional [...]”*. (Esmeralda)

O objetivo do estágio curricular é proporcionar uma aprendizagem em que o estudante possa interagir com a realidade do trabalho e também despertá-lo para que ele saiba reconstruir seu conhecimento a partir da análise e da reflexão de sua prática. Isto é, uma etapa em que o aluno aplica os seus conhecimentos teóricos (faz) e ao mesmo tempo avalia, entende e reflete sobre como estes são incorporados (conhece). Assim, estabelece-se uma relação cíclica entre o conhecer para fazer e o fazer para conhecer (MATURANA; VARELA, 2002).

Os entrevistados responderam que o tempo destinado a cada área de estágio curricular não foi suficiente para o aprendizado e obtenção de prática, que o ambiente de estágio foi considerado adequado e que a carga horária era pequena, apesar de a mesma estar de acordo com a legislação corrente. Segundo um dos entrevistados:

[...] *“A carga horária de algumas áreas deveria ser maior [...]”*. (Opala)

E, dentre as áreas que os alunos mais sentem necessidade de serem acrescidas ao estágio, as mais citadas foram a de Fisioterapia em Estética e a Fisioterapia Preventiva.

[...] *“Senti falta dessa experiência prática [...]”*. (Esmeralda)

[...] *“Área de afinidade [...]”*. (Quartzo rosa)

O curso de graduação em Fisioterapia da Universidade Salgado de Oliveira oferece ao graduando o estágio supervisionado fundamentado na legislação educacional brasileira, com sua organização obedecendo ao disposto no artigo 3º do decreto nº 87.497/82. O estágio complementa a formação do aluno com treinamento prático em situação real, que ao mesmo tempo é educativo, e de prestação de serviços à comunidade; objetiva formar o profissional fisioterapeuta em sua totalidade, respeitando o embasamento ético e disciplinar formativo da profissão, e, ainda, procura desenvolver sujeitos críticos, e não apenas meros repetidores de técnicas e estratégias apartados de suas responsabilidades como agentes de transformação social. É obrigatório para todos os alunos do curso, devendo o acadêmico ter cumprido todas as disciplinas de conhecimentos fisioterapêuticos.

A carga horária a ser cumprida é de 960 horas, sendo 768 horas curriculares (80%) e 192 horas extracurriculares (20%). As áreas abordadas no estágio supervisionado para a formação do fisioterapeuta são: Ortopedia e Traumatologia; Neurologia adulta e pediátrica e Cardiorrespiratória (hospitalar) (UNIVERSO, 2004).

Em relação à organização do curso, as diretrizes colocam que as Instituições de Ensino Superior (IES) podem flexibilizar e aperfeiçoar suas propostas curriculares para enriquecê-las e complementá-las, a fim de permitir ao profissional a manipulação da tecnologia e o acesso a novas informações, considerando os valores, os direitos e a realidade socioeconômica.

Alguns estagiários afirmam que ocorreram durante o estágio “partes boas e outras ruins”. Quando questionados quanto ao porquê das partes ruins, afirmam ser pela dificuldade em lidar com os pacientes durante o tratamento. Provavelmente esta dificuldade é relacionada à falta de correlacionar a teoria à prática, fato muito comum. Na visão de um aluno/estagiário,

[...] *“Não dá para praticar muito, pois o tempo de intervenção é pouco [...]”*. (Rubi)

A afirmação de três dos entrevistados proporciona o entendimento da relação dos alunos com os momentos do estágio.

[...] *“Eu criei algumas expectativas para o estágio. Talvez não ‘consegui’ atender a todas, mas o que era o principal acho que cumpri, que era conhecer o ambiente, me habituar com aquilo que no futuro irei conviver[...]”*. (Esmeralda)

[...] *“Eu mesma nem atendi criança [...]”*. (Safira)

[...] “*Pouca patologia, porque teoria é uma coisa e na prática nem sempre é igual [...]*”. (Âmbar)

A integração entre as atividades teóricas e práticas auxilia na compreensão do binômio paciente-patologia e patologia-paciente, bem como na relação paciente-terapeuta, promovendo o amadurecimento do comportamento do aluno para futuras intervenções.

Serafim (2001) acredita que a prática possa se tornar um mal-entendido quando se antagoniza com a teoria, ou seja, quando a primeira é vista como prioridade, relegando a segunda um caráter de mal necessário. Todavia explica que, tomando isso como certo, passa-se a considerar que uma é mais importante que a outra – consideração essa possível apenas quando da dicotomização teoria/prática.

Feita a separação/diferença, uma parece ter vida própria em relação à outra, adquirindo *status* diferenciados. O ensino, nos dias atuais, possui o grande desafio de proporcionar ao aluno uma associação entre teoria e prática, entendendo a teoria como a sistematização de uma prática, posto que há uma interrelação destas duas partes da educação (CORACINI, 1998).

Esta resposta descreve o que a maioria dos estagiários deveria perceber, pois, segundo Guerra (1999), realmente deve-se entender o estágio como atividade que tem em vista a aprendizagem pela interação do indivíduo com a realidade e, também, como construção e reconstrução do conhecimento na prática, “pela análise e reflexão sobre a mesma”. Na proposição descrita por Fávero (2002), o estágio deve ser compreendido como abertura de caminhos e relações. Suscitando uma reflexão sobre a futura profissão, Kulcsar (2005) afirma que é importante a interação do estagiário com a realidade, para que este possa perceber os desafios que a profissão poderá lhe oferecer.

Muitas vezes o aluno espera da universidade toda a sua formação e esquece-se de que é partícipe principal a integrar esse processo. É ideal que se utilize de outros meios, como atividades extracurriculares, cursos, congressos e projetos de pesquisa, para complementar seu aprendizado. Assim sendo, percebe-se que é também no estágio que o aluno vai construindo seu conhecimento, a partir da interação e compreensão do ambiente, com uma variedade enorme de informações e com diferentes pessoas, da revisão dos referenciais teóricos que vão sendo elaborados a partir de seu trabalho e da reflexão sobre a prática desenvolvida.

O estágio deve ser incentivado como forma de aprendizagem, visto que tem por objetivo incentivar, ajudar e informar o aluno. Entretanto, dentro do exposto verifica-se que muitos alunos não viram a necessidade de estudar, aprofundar-se, ou mesmo aprender as disciplinas teóricas durante o curso, demonstrando, a partir disso, insuficiência de embasamento teórico em temas específicos da Fisioterapia e dificuldades em associar a teoria vista em sala de aula e a prática no estágio – o que acarreta no fato de possuírem visão sistêmica do paciente na realização de seu trabalho.

2.2. Elaboração e execução do estágio

2.2.1. O papel do supervisor como facilitador do aprendizado

A maior ansiedade dos alunos com relação ao docente-supervisor diz respeito à compreensão e significância: no imaginário do aluno, é o supervisor quem cria condições para que o estudante adquira senso crítico, é quem o torna mais reflexivo em suas atitudes; é o supervisor seu incentivador na busca e aperfeiçoamento do conhecimento científico, quem dá o apoio de que necessita para que se sinta confiante e estimulado para alcançar seus objetivos na atividade prática assistida. Segundo os entrevistados:

[...] *“Às vezes você não tem tanto apoio dos supervisores, e isso, para mim, é importante [...]”*. (Ágata)

[...] *“Ter mais suporte do meu supervisor ajudaria a ter mais segurança nos meus atendimentos [...]”*. (Rubi)

A questão do comportamento ético do docente-supervisor também foi abordada. Espera-se do supervisor que ele não constranja os alunos ‘supervisionados’, que não os advirta em público, nem comente seus erros com outros membros da equipe e demais docentes da instituição. Houve, também, destaque para a figura do professor-orientador, idealizado como estimulador, aquele que tem por papel fazer crer que ele, o aluno, é capaz. , Contudo, foram, nas falas, assim citados:

[...] *“Decepcionante! Pensei em até trocar de turma [...]”*. (Opala)

[...] *“Não achei a conduta ideal desse professor [...]”*. (Rubi)

Por definição, o professor é o sujeito que tem a função de educador, a qual incorpora e ultrapassa as dimensões técnicas de seu trabalho, e que, no decorrer

dos anos, adquire força educativa quando se torna instrumento capaz de auxiliar o aluno a atuar concretamente na sociedade de modo crítico e transformador, unindo a teoria à prática.

A presença do professor junto ao aluno é de extrema importância para que aquele possa orientar o estudante, direcionando-o em seu desenvolvimento. Ressalta, todavia, que essa presença necessita ser definida, pois é também o primeiro modelo profissional com que o aluno tem contato, e, portanto, suas atitudes tendem a espelhar-se nas atitudes dos docentes, acreditando serem estas as ideais (KULCSAR, 2005).

Torna claro alguns conceitos e ideias que merecem ser vivenciados e respeitados por todos os profissionais que se dedicam à prática docente. Na concepção do estudioso, ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção (FREIRE, 2003).

2.3. Maturidade para exercer a profissão

Ao perguntar aos alunos se eles se sentem aptos a atuar como fisioterapeutas a partir da prática curricular desenvolvida nos estágios supervisionados, um dos entrevistados afirmou que sim e cinco dos entrevistados afirmaram que não. Dependendo da área, dois entrevistados disseram sentir-se mais ou menos aptos. O entrevistado que afirmou que sim respondeu: [...] *“sou mais madura em relação aos meus colegas. Não fiquei presa só com o estágio daqui; busquei fora”*. (Rubi)

Os dois entrevistados que responderam sentir-se “mais ou menos” aptos para atuar colocam que:

[...] *“Falta muita coisa para poder realmente dizer que se está apto para tal [...]”*. (Ágata)

[...] *“É só uma base. Pretendo fazer uma pós [...]”*. (Safira)

[...] *“Minhas dificuldades na Prática ‘foi’ por falta de estudo mesmo. Deixei muito para ver o que eu sabia. No estágio vi que tinha que ir mais atrás. Muitas coisas sabia, muitas coisas não lembrava. Tive que ir atrás [...]”*. (Opala)

Muitos alunos, quando estão cursando sucessivos semestres, não percebem a importância dos conteúdos das disciplinas e das demais atividades realizadas no curso, tomando consciência apenas nos últimos semestres de que todas as matérias têm função no currículo. O fato é que, muitas vezes, não conseguem visualizar a

aplicação de alguns desses estudos na prática da profissão, alegando, posteriormente, que se soubessem disso teriam tido mais interesse em apreender as informações que receberam.

A expressão “insegurança” apareceu com frequência nas respostas dos entrevistados, que justificaram que este sentimento é devido: [...] “*Tempo de estágio ser pouco* [...]”. (Diamante), ou [...] “*A carga horária ser insuficiente* [...]”. (Quartzo rosa)

Um dos entrevistados relatou: [...] “*Tive dificuldade, principalmente para avaliar e enxergar a teoria na prática* [...]”. (Rubi)

Quanto às dificuldades dos alunos em associar teoria e prática, Wanser (2000) destaca que os alunos muitas vezes são bons na parte teórica, e, na hora da prática, não conseguem efetivá-la, porque acreditam que o *lôcus* de aprendizado é o estágio, talvez porque este seja o primeiro momento em que se veem agindo e refletindo sobre a realidade de sua profissão. Neste contexto, alguns alunos percebem que faltou conhecimento, que se tivessem estudado mais seria mais fácil associar tais maneiras complementares. Outros não conseguem enxergar a importância das disciplinas teóricas, e outros até conseguem ver a importância do que é ensinado na teoria, mas não sabem como concretizar os ensinamentos na prática fora da universidade. Assim, não conseguem ver a íntima conexão e mútua dependência entre a teoria e a prática, mesmo que ocorra em momentos diferentes. O aluno, por sua vez, não tem consciência de que é seu dever o domínio da teoria, e que sempre existirá a necessidade do aprofundamento e a busca contínua de conhecimento.

Boa parte dos alunos entrevistados não se sente preparado para exercer a profissão ao final do curso. Chama a atenção o fato de muitos alunos se sentirem inseguros para este exercício, principalmente quando faltando pouco tempo para vivenciar a realidade profissional. Leibel (2002) descreve que, no final do curso, muitas vezes os alunos sofrem grandes pressões, tanto pessoais quanto sociais, que os afetam de forma abrangente, fazendo surgir, assim, angústias, medos e conflitos que não permitem perceber como entrar no mercado de trabalho. Os motivos que os levam a ter insegurança foram assim descritos: pouco tempo de estágio prático para aprimorar as técnicas; necessidade de cursar uma pós-graduação e aprender mais; medo e insegurança com a vida profissional.

A instituição de ensino precisa dar ao aluno subsídios para uma boa formação profissional, com aulas teóricas, trabalhos práticos, trabalhos comunitários, estágios e palestras. Entretanto, não se deve deixar a cargo da instituição toda a gama da formação, pois o aluno tem sua parcela nesse processo. Na própria instituição, por exemplo, há projetos de pesquisa e extensão abertos para todos os alunos. Por que alguns não participam? Por que nem todos buscam fora da universidade mais atividades práticas? Como mudar essa postura dos alunos? Como mudar nos alunos a ideia de “saber” o suficiente apenas para cumprir “etapas”? – nesse caso, a ideia de saber o suficiente apenas para “tirar notas para passar?”. Resta estimular nele a consciência de que sua atuação prática se defrontará com situações cujas soluções não foram contempladas nas teorias estudadas, e desejar que ele perceba que é possível e viável desenvolver atividades por si só, bastando que tenha iniciativa para buscar novos conhecimentos.

2.4. Sugestões

Foram apontadas algumas sugestões, como: [...] *“o estágio poderia ser no final do curso, mas sem as aulas da faculdade, mais tempo na semana, porque assim o aluno (se) dedicaria mais [...]”*. (Âmbar)

No curso de Fisioterapia da UNIVERSO, em um primeiro momento é vista a teoria, sendo as disciplinas teóricas aquelas que têm o papel de favorecer a aquisição de conhecimento e colocar os alunos em contato com autores clássicos, com o mínimo de prática; em um segundo momento, o enfoque é destinado à prática, na qual os alunos são colocados em diferentes locais de estágio, em contato direto com pacientes, e têm o papel de avaliar, planejar, estabelecer metas, selecionar recursos e reavaliar. Assim, o curso tem a tarefa de transmissão do conteúdo teórico, ficando para os locais de estágio a prática, como se esses dois elementos pudessem ser dissociados.

[...] *“A clínica poderia ser mais divulgada ‘pra’ gente ter mais atendimento, ver mais doenças [...]”*. (Esmeralda)

O curso poderia oferecer o estágio desde o início, proporcionando aos alunos experiência imediata com a realidade social, a fim de que tenham mais motivação e interesse em estudar, uma vez que a melhor forma de conhecer é viver, colocar-se dentro.

Uma forma de aumentar o número de pacientes seria um trabalho feito com a comunidade pelos próprios alunos, por meio da divulgação de diferentes tipos de mídias – panfletos, vídeos institucionais, propagandas, outdoors, ou até mesmo um filme elaborado, retratando a clínica-escola.

Quanto aos supervisores, ao término de cada estágio poderia ser feita uma avaliação do estágio e do supervisor, por meio de uma urna na qual cada aluno colocaria sua opinião sobre o desempenho e desenvolvimento do estágio, assim o aluno ficaria mais à-vontade para expressar suas idéias, críticas e elogios, além da avaliação da participação do professor-supervisor nesse processo, visando sempre a melhoria da formação e crescimento da instituição.

Apontamentos finais

Na medida em que se realizava a pesquisa de campo, foi possível conhecer melhor as dificuldades dos alunos, e, também, como vem se dando sua formação.

A situação atual do curso – com as disciplinas teóricas, aparentemente isoladas, no início, e as práticas sendo desenvolvidas ao seu final – dificulta, para o aluno, o alcance que uma ação conjunta poderia atingir. O aluno espera da universidade tudo pronto, e acaba por não desenvolver visão global da profissão – somente de suas especialidades. Supõe-se que a formação do aluno também é uma responsabilidade do mesmo, juntamente com a instituição.

É notório que o estágio curricular obrigatório é fundamental para a formação do profissional fisioterapeuta, e que a carga horária do estágio curricular foi considerada insuficiente para o aprendizado e obtenção da prática – apesar de o local ser, na maior parte das vezes, apropriado, e de suas condições estarem em acordo com a legislação corrente.

A partir das observações realizadas, foram feitas sugestões para que as áreas de atuação sejam ampliadas. Por conceber que o estágio é fundamental para a formação do profissional em Fisioterapia, a interpretação analítica deste momento para os acadêmicos deixa evidente que se faz necessário repensar as atitudes dos alunos em relação ao curso, uma forma pedagogicamente eficiente de as universidades estabelecerem suas grades curriculares, e, ainda, que haja uma auto

avaliação dos professores supervisores/orientadores quando da mediação e difusão do conhecimento em suas práticas educacionais.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 4.1902/2002. **Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em fisioterapia**. Brasília, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, 2002.

COFFITO. Decreto-lei 938/69, Lei 6.316/75, Resoluções do COFFITO, Decreto 9.640/84, Lei 8.856/94,. Disponível em: < <http://www.coffito.org.br> >, 2007. Acesso em: 7 de novembro de 2016.

CORACINI, MARIA JÓSE R. F. **A teoria e a prática: a questão da diferença no discurso sobre e da sala de aula**. São Paulo, DELTA. v. 14, n. 1, 1998.

FÁVERO, M. L. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. IN: ALVES, N. (org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KULCSAR, R. O. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: PICONEZ, S. C. B. (org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 11ª ed. São Paulo: Papirus, 2005.

LEIBEL, L.A.N. **A passagem do estado de aluno de psicologia para o estado de profissional de psicologia**. São Paulo, 2002. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Estácio de Sá.

MACIEL, R. V. et al. Teoria, prática e realidade social: uma perspectiva integrada para o ensino da fisioterapia. Revista **Fisioterapia em Movimento**. Curitiba, v. 18, n. 1, jan./mar., 2005.

MARTINS; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MENDES, R. F. et al. Contribuição do estágio supervisionado da UFPI para formação humanística, social e integrada. **Revista da Associação Brasileira de Ensino Odontológico (ABENO)**. São Paulo, v. 6, n.1, jan./jun., 2006.

RODRIGUES, E. N. Primeiro estágio curricular: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 48, n. 4, out./dez., 1995.

RODRIGUES, M. S. P.; LEITÃO, G. C. M. Estágio curricular supervisionado com ênfase no desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade. **Texto/Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 9, n. 3, ago./dez., 2000.

SERAFIM, M.C. A falácia da dicotomia teoria prática. revista **Espaço Acadêmico**. Maringá, n. 7, Outubro, 2001.

TUCKMAN, B. **Manual de investigação em educação**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Atlas: São Paulo, 1995.

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA. **Projeto pedagógico do curso de graduação em fisioterapia. Regulamento do estágio supervisionado**. Rio de Janeiro, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político pedagógico: uma construção possível**. Campinas: Cortez, 2001.

VICTORA, C.G.; KNAUTH, D.R.; HASSEN, M.M.A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.